

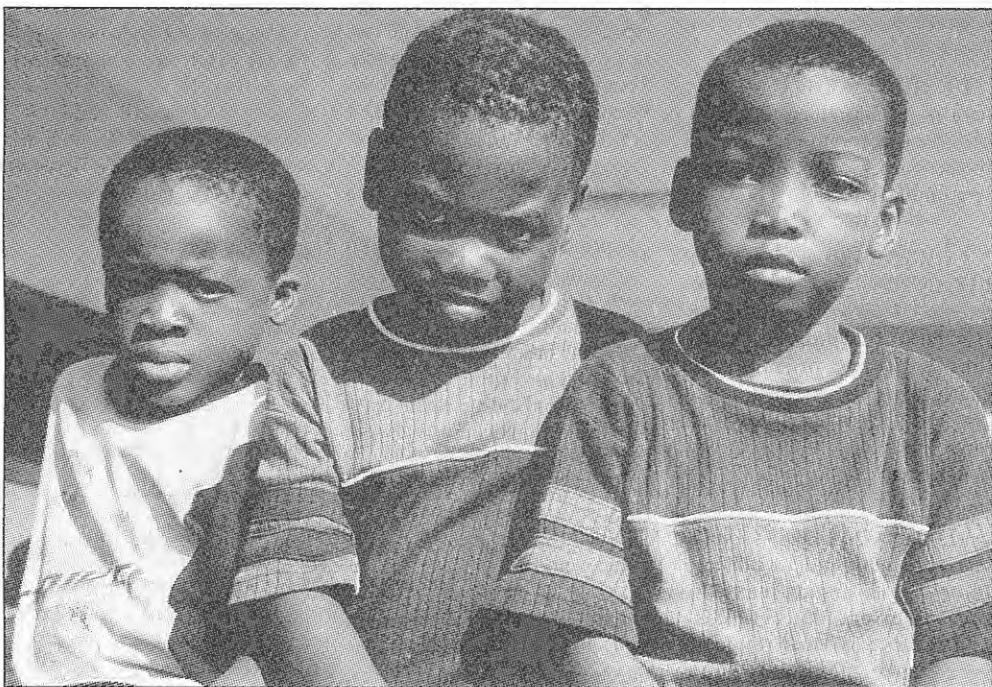


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

9 de Agosto de 2003 • Ano LX • N.º 1550
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



BENGUELA

Problemas sociais de Angola

COMEÇO esta nota com os olhos postos na palavra de Pai Américo, escrita naquele tempo: «O panorama da rapariga das ruas é muito mais degradante do que no caso dos rapazes». Aqui e agora, este dito é de actualidade flagrante. A mulher angolana devia fazer seu e sentir todo o mal que daqui nasce.

Há organizações muito faladas nos órgãos de comunicação social, em que as mulheres são protagonistas. Deviam virar-se para este problema social concreto, buscando caminhos para estancar a corrente de degradação humana que arrasta e mata a dignidade da multidão incontável de raparigas. A prostituição, a que algumas vozes chamam trabalho do sexo, na tentativa de dignificar o que é radicalmente indigno, abre as portas do abismo demolidor da grandeza da mulher.

É verdade que a pobreza e a miséria material criam as condições para esta situação. Há, pois, necessidade urgente de combater o mal na raiz. Mas, se não houver acções concretas para atacar a doença, onde já entrou, a epidemia avança e vai destruir ainda mais o tecido social.

Mulheres com coragem? Sim. Não é preciso fazer espectáculo. É preciso, sim,

lançar as redes. Grandes comissões de senhoras, publicadas na imprensa escrita e falada, antes de fazer trabalho, não dão resultado. Tudo ficará como dantes: «As senhoras em suas casas e as raparigas nas ruas».

A falta de recursos materiais costuma ser a desculpa para não se fazer nada. Quero ouvir Pai Américo juntamente convosco que me estais a acompanhar: «Não tenha medo da falta de recursos. Comece consoante o que tiver. Abrigue-se em qualquer toca. Ame infinitamente a criança e meça a profundidade do bem que lhe faz, livrando-a do mal da rua. Considere a estupenda irradiação do facto. Multiplique o amor que se chama Caridade — e basta». São palavras dirigidas a uma senhora decidida a fazer algo pelas raparigas da rua.

Ao escrever estas notas estou a pensar na pequenina comunidade de Irmãs, mulheres cem por cento, que decidiram entregar as suas vidas às raparigas da rua para as salvar, enquanto é tempo. Estão em Luanda e no Lobito, bem pertinho de nós. Encontramo-nos, de vez em quando. Tenho pena que não haja mais vocações para este serviço. Falo assim porque a seara é muito grande. Sei, por outro lado, que o trabalho vai

continuar e não faltarão os braços necessários. Vejo-os a levantar-se!

A propósito da pobreza extrema e da miséria como raiz dos muitos males sociais que sufocam a maior parte da população angolana, saí da Eucaristia de Domingo muito preocupado. O tema da Palavra foi precisamente o pão. Uma percentagem muito grande das famílias come, apenas, uma refeição por dia. Outras... nem sequer uma refeição. São mais do que «Pobres da terra». Que fazer? Será somente em Angola? Não, com certeza. Mas, em Angola, é assim, nesta fase crucial que dura e vai durar ainda.

Naquele tempo, Jesus viu-se diante de uma multidão de gente faminta. Eram alguns milhares de pessoas: homens, mulheres e crianças. Que solução? Mandar embora para que fossem procurar comida e dormida em qualquer sítio, foi uma proposta dos discípulos. Esta via não agradou ao Mestre. Era a voz do comodismo, do egoísmo e tudo o mais. Caminho sem saída digna para a pessoa humana. Outra proposta era a expectativa pura e simples do milagre que resolveria o problema todo, sem qualquer participação das pes-

Continua na página 3

Notas do Tempo

O discorrer de há quinze dias sob este mesmo título não me levou aonde, ao partir, tinha o objectivo. Mas como o espaço conta e não perdoa num periódico pequenino como o nosso, fiquei onde fiquei.

Hoje, tomando a mesma premissa, não vá perder-me, vou já direito ao caso que me inspirou: heranças — uma que deu algo que falar. É este um tema difícil de entender por muita gente de bem. Pensa-se que, tendo mais, mais se poderá fazer, ao colocar a tônica das acções nos meios, em vez de a pôr no sujeito delas e no potencial da Justiça que as necessidades reclamam.

Escrevo em Miranda do Corvo, nesta airosa aldeia que hoje é a Casa do Gaiato, e de olhos focados, isolando-a, na única construção erguida em 1939 e que Pai Américo comprou... sem dinheiro. Ainda ele não escrevera então que «nas obras sociais realizadas com a força do Evangelho, o

dinheiro é a última coisa a procurar»; mas o princípio estava inscrito já na sua inteligência iluminada pela fé. Por isso, ao tempo, a dez anos da sua ordenação sacerdotal (de que nestes dias celebrámos os setenta e quatro), ele estava já absolutamente liberto dos bens adquiridos em África e com a rotação feita ao longo desses anos nas ruas de Coimbra, financiada pelo «dão-me aqui e vou deixá-lo acolá». Esta tarimba deu-lhe a *especialidade* de apreciar o dinheiro, tal a de um provador que bochecha o vinho, não o bebe, e diz as qualidades dele: Tanto quanto na hora propícia e na medida do preciso e da capacidade do agente para uma boa gestão. A sombra deste princípio que, se calhar, não coincide com os que se estudam nos Institutos de Economia e Finanças, em 7 de Janeiro de 1940, Pai Américo instalou os primeiros garotos; e ao fim de poucos meses a dívida estava paga e não

faltava pão e caldo aos residentes. Com esta prova real, ao passar do simples estado de *recoveiro* dos Pobres para o enorme de compromisso estável de mesa, cama e roupa lavada e o mais... de que se tornara devedor dos seus rapazes, Pai Américo tomou alturas e firmou-se na certeza de que sempre «a nossa riqueza seria a nossa Pobreza». E até ao dia de hoje, sessenta e três anos passados, o melhor serviço da Obra ao mundo dominado pelo império de *Mammona* é demonstrar que esta doutrina não é abstracção (Somos a passar de mil os que habitamos sob os seus tectos!) nem o viver segundo ela ausência de estratégias. Assim os homens e as suas *complicadites* congénitas não estorvem!

A vontade expressa de Pai Américo a respeito de heranças tem, no que vai acima, um esboço de fundamentação. Ele preferia a

Continua na página 3

Património dos Pobres

CHEGUEI mesmo agora, com o «Quim Carpinteiro», de pagar ao senhor que havia emprestado o dinheiro à pobre do telhado torto a quem cobrava os dezoito por cento de que vos falei.

Afinal, não eram mil contos. A dívida somava, unicamente, novecentos mil escudos e nós pagámos 4.485,00 euros, que o senhor perdoou os trocados.

Levantei o dinheiro no Banco, em notas, para que não houvesse qualquer dúvida. Podia o pobre infeliz não acreditar na validade do papel.

O Quim encarregou-se de marcar os contactos e prontamente foi dinheiro levantado e dívida paga.

Passámos pela casa velha e arrendada da pobre, levámo-la com os papéis no nosso carro e batemos à porta do senhor que estava a lanchar.

Preparava no meu íntimo o encontro. Deus estava presente. Era um momento alto. Como devia agir?

Pensei não me identificar, mas logo me veio a inspiração do contrário: — Eu sou enviado por Deus. Devo falar sem disfarces.

A conversa surgiu fácil: — Sou fulano; sei que emprestou a esta senhora — a pobre estava a meu lado — dinheiro e venho pagá-lo.

O homem estremeceu. Tinha mesmo de ser assim. A Palavra de Deus é forte!

Foi ver os papéis e veio com a conta. Enganou-se nas casas. Falou em quatrocentos quando eram quatro mil. Estávamos ali pela verdade. Ela vale mais do que o mundo todo. Corrigimos.

Dinheiro contado e despedida feita.

A pobre não cabia em si de contente: Queria dar-nos merenda — Não costumamos merendar, respondi. Dê graças a Deus que este dinheirinho veio d'Ele para si. É fruto de muita renúncia e algum sacrifício. É um valor sagrado. Soavam-me aos ouvidos as palavras de Jesus: Evangelizar os Pobres, libertar os oprimidos!... E que opressão, meu Deus!...

Também o usurário, sendo opressor é oprimido pela tentação do ter.

Esta liberdade de que somos possuídos ajuda a libertar toda a gente!...

O dinheiro veio de muitos lados. Um pároco mandou mil euros a ferver de revolta e... de mansidão. Da Figueira da Foz três mil. Duzentos e cinquenta, cem, cinquenta e vinte, de muitos lados.

O Património dos Pobres faz feridas e cura almas.

Os tementes a Deus arrependem-se e voltam ao bom caminho. Ninguém é dono de nada! Todos somos filhos de Deus! Daqui ninguém foge quer creia, quer não.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DA MORADA DO POBRE E DO SEU VESTUÁRIO — O senhor Dias, pela miséria, deu coragem a Pai Américo para lançar as primeiras casas do Património dos Pobres, nesta terra, as quais servem de luz a tanta gente, hoje e naquele tempo, que não sentia em seu coração as dificuldades de quem não usufruía de casa digna.

Há já meio século, tivemos a graça de pegar na mão de Pai Américo e fomos ambos ver a miséria da casa daquele homem que vivia em tosca habitação de pedra solta sem uma colher de cal ou cimento nas frestas.

Foi uma hora providencial, que deu azo a Pai Américo arrancar com o Património dos Pobres!

A dita pessoa, apesar de ter numerosa família, que praticamente abandonou o velhinho a quem, aliás, dávamos, regularmente, uma oferta para ter o pão necessário. A gente aliviámos a sua pobreza, mas ele morria de frio no Inverno...!

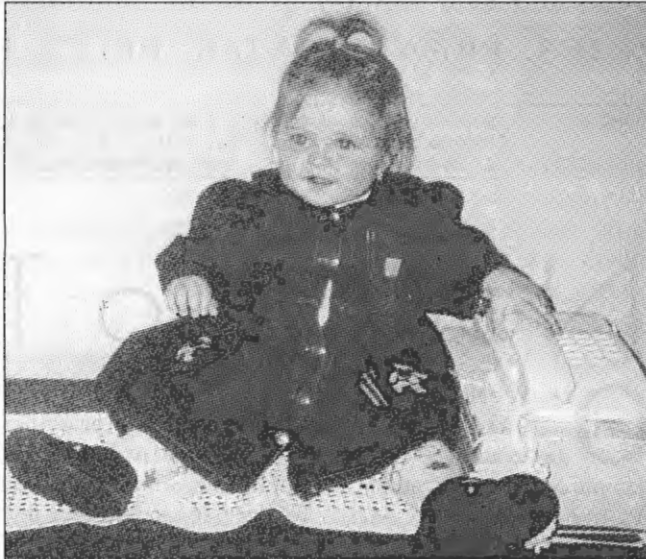
Curiosamente topámos agora um texto d'O Visitador do Pobre, obra de Conceição Areal que, ao falar da miséria na Irlanda, «*viendo a entrada de pobres choupanas desse país obstruídas por toda a casta de imundície, perguntava aos moradores porque não as limpavam e respondiam: "Somos tão pobres!"*»

Conceição Areal afirma, em relação a esta reposta: «*À primeira vista parece absurda; para dar uma barreira não é preciso ser rico; contudo, este somos tão pobres!, bem meditado mergulha a raiz no coração humano e explica e desculpa um grande número de factos que condenamos de ânimo leve.*»

PARTILHA — De Lavadores, Vila Nova de Gaia, recebemos duzentos euros, «*pequena ajuda na vossa heróica luta contra a pobreza que faz sofrer tantos dos nossos irmãos. Que o nosso Bom Deus continue a ajudar os Pobres*», diz a assinante 34220.

Durante os últimos quinze dias chegaram ainda mais os seguintes donativos: 470 euros da assinante 31104, de Lisboa. Cinquenta euros da assinante 14493, do Porto. E vinte e cinco euros do assinante 53241, do Luso. A verdade é que temos responsabilidades em campo: a reparação das últimas casas do Património dos Pobres, a conta da farmácia (dezenas de euros), o auxílio normal para cada família. É muita coisa! No entanto, esperamos a generosidade dos nossos Leitores que têm sido muito, muito generosos — graças a Deus!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.



Ana Maria, filha da Cristina e neta da Luísa e do Matos.

PAÇO DE SOUSA

PADRES DA RUA — Estiveram connosco no passado dia 14 para tratarem dos problemas de cada Casa. São reuniões mensais.

ANTIGOS GAIATOS — Realizaram o seu encontro anual, em nossa Casa, no dia 20 de Julho. Conviveram connosco e almoçámos todos juntos no largo da adega. Fizemos com eles dois jogos de futebol e gozámos, à brava, esse dia de festa.

AZURARA — O primeiro turno, o dos mais pequenos, já regressou da praia. Foi chefe o «Botija» e foram acompanhados pela Preciosa, responsável pelos «Batatinhas».

No dia 16 de Julho, dia de Pai Américo, fomos até Azurara para celebrarmos juntos a efeméride.

O segundo turno já partiu. Esperamos que gozem bem as suas férias.

MATA — Os rapazes andam a tirar as ervas daninhas à volta das videiras da vinha da mata. Às vezes aparecem urtigas e outras coisas... Dá um trabalho...!

VACARIA NOVA — Está quase pronta. Só faltam mesmo as vacas irem para lá.

RAPAZES NOVOS — Vieram o Anderson, de oito anos, e o Marco, de onze. Estão a adorar pertencer à nossa família.

CORTA-MATO — No passado dia 13 de Julho realizaram, em Paço de Sousa, corridas de corta-mato. O Anderson ganhou a do seu escalão etário.

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Julho, 63.650 exemplares.

MIRANDA DO CORVO

ESCOLA — As aulas acabaram. Os rapazes estão ansiosos por saber as notas, apesar de alguns não terem bom aproveitamento.

FÉRIAS — Começaram já para os «Batatinhas» e alguns maiores que foram para ajudar. Estão todos contentes pela oportunidade de irem à praia.

CURSOS PROFISSIONALIZANTES — Ainda não acabaram. Temos rapazes em Hotelaria, Carpintaria, Serralharia. No ano próximo, se Deus quiser, temos mais rapazes para Informática. Esperamos acabar o curso e ser alguém na vida.

MARCO PAULO — Está a recuperar bem, graças a Deus. Já consegue andar, mas não pode fazer grandes esforços. Todos nós rezamos por ele: para que recupere e se sinta bem.

FUTEBOL — Não temos treinado por motivo de férias, mas esperamos continuar a nossa actividade. A quem quiser jogar e conviver connosco, agradecemos. A nossa Casa está sempre aberta para quem quiser entrar.

GADO — Continuam a crescer: vacas, um boi, muitos porcos e galinhas e patos. Esperamos que continuem a reproduzir.

MILHO — Está óptimo. Andam a sachá-lo. Que haja boa colheita para alimento do nosso gado.

Hugo Vieira

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Prudência em tempo de férias. Julgamos que nos tempos que correm, para nós vicentinos, é da maior importância, nunca descurarmos os nossos deveres para com os nossos irmãos mais carenciados, que aguardam pela nossa visita sempre com ansiedade.

Os vicentinos nunca se esqueçam que fazem parte de uma obra de caridade cristã, que procura levar um pouco de conforto material, mas o mais importante é a nossa disponibilidade de estarmos um pouco com eles a conversar e transmitir-lhes o nosso caminho, sermos bons ouvintes.

Nós acreditamos que Deus não exige de nós uma fé perfeita, porque somos homens e, como tal, sujeitos a defeitos; por isso, a verdade é uma coisa muito difícil de assumir.

Alberto («Resende»)

Neste período de férias, pedimos aos nossos amigos que não se esqueçam dos irmãos mais carenciados.

Na última visita que fizemos a uma das nossas velhinhas, uma vez mais, ela falou da necessidade de ter uma casa, num bairro camarário. Já não é a primeira vez que falamos neste assunto, uma vez que isto já se arrasta há muitos anos. Tentámos confortá-la e esperamos que um dia, esta senhora e o sobrinho, venham a ter um lar digno de se viver.

Sabemos que há muitas famílias que vivem em condições precárias, mas vamos tendo esperança que esta situação, com o tempo, venha a ser resolvida.

Temos outra família, a quem foi entregue uma casa, está feliz. Finalmente tem uma habitação digna; agora, só lhe faltam uns sofás para a sala, o resto já lhe foi oferecido; por isso, se alguém tiver uns que queira oferecer a esta família, agradecemos.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Vale de cinquenta euros de M.M.; idem, de anónimo; e outro vale de M.M., do mesmo valor.

Em nome dos nossos irmãos, bem-hajam.

Casal Félix

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE MALANJE

O NOSSO ENCONTRO — Faz, brevemente, quarenta anos que abrimos as primeiras Casas do Gaiato em África: Malanje e Benguela.

Neste nosso Encontro anual, vamos evocar os quarenta anos do «despejo» da Doutrina de Pai Américo por Angola e Moçambique... Temos a certeza que vais estar presente nos dias 13 e 14 de Setembro, na casa de praia da Arrábida, Casa do Gaiato de Setúbal. A presença de antigos gaiatos de Malanje, Benguela e Moçambique pode ser uma forma de reconhecimento aos Padres da Rua pelo carinho que sempre tiveram para com as nossas Casas de África.

Pode ser um aniversário de afago para com a Obra da Rua e Pai Américo; um carinho para os Padres Telmo, Manuel António, José Maria e Manuel Custódio.

A Obra da Rua carrega-nos ao colo quando não conseguimos caminhar e estende-nos a mão quando precisamos. O que temos a fazer é deixar Pai Américo actuar nas nossas vidas.

O mundo hoje continua o mesmo e por isso temos de cumprir com a nossa obrigação de mantermos bem viva a chama de sermos gaiatos e filhos de Pai Américo.

Há dias, fui convidado para o casamento da filha de um

amigo e colega angolano que exerce altas funções no Governo de Angola, ele dizia:

— Há uns anos passei em Malanje, fui à tua casa e vi o verde mais bonito de Angola, coisa que já não via há muitos anos... era um campo de milho, lindo... muito lindo mesmo.

O que gostei mais nesta frase foi ele dizer «a tua casa». Afinal ele sabe que a Casa do Gaiato de Malanje também é minha!... Só tenho pena que não tenha visto bem o verde da Doutrina de Pai Américo e a maturação dos seus frutos... quem sabe, um dia!...

Não falem a este encontro e vamos matar saudades para mantermos bem viva a chama que nos une, somos Gaiatos e filhos de Pai Américo.

Manuel Fernandes

ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Realizámos o anunciado encontro de Antigos Gaiatos e Famílias, na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, com um número de pessoas mais ou menos dentro do esperado e foi honito termos tido entre nós a presença de alguns dos mais novos com as suas namoradas.

Tudo decorreu como estava programado, tendo-se começado a tratar de tudo no dia anterior, com a ajuda de algumas das nossas mulheres, e no dia indicado esse número aumentou tendo-se juntado vários membros masculinos e até os gaiatos deram uma ajuda em várias actividades, o que nos deixou bastante satisfeitos. Depois da Missa tivemos o almoço, composto de arroz de feijão vermelho, fêveras abafadas, salada de tomate e salada de frutas mais o pão caseiro do costume e as bebidas diversas que cada um levou, seguindo-se a visita ao bar para o café.

Depois, um jogo de futebol entre uns e outros, tendo ganho os mais novos, porque mais resistentes e mais jogados, onde tudo correu bem.

A merenda veio a seguir, com uns mergulhos na renovada piscina porque o dia convidava, tudo oferecido pelas mulheres que nos acompanharam e responderam da melhor maneira ao nosso apelo, não tendo ficado «sobras» todos se retiraram com boa impressão geral, como pudemos constatar. Houve um pouco de tudo e até nem faltou arroz doce oferecido pela habitual colaboradora, mulher de um dos nossos.

Estreámos a nossa louça que nos foi oferecida no ano passado por uma fábrica, como então demos notícia, tendo servido às mil maravilhas e no fim deixámos tudo arrumado, bem como os novos toldos que nos



Notas do Tempo

Continuação da página 1

comunicação de bens «de mão viva», que só assim lhe podemos chamar *comunhão de bens* — e esta, sim, é manifestação de fraternidade e garantia de feliz suficiência. Quantos e belos textos de seu punho não poderíamos aqui aduzir!

Ora aconteceu, ainda não há dois anos, que recusámos o testamento de alguém que não estava nas melhores relações com os seus familiares por razões cuja razão não nos cabe julgar. Seus amigos, ao saberem da nossa decisão, teceram armas e houve alguma publicidade ao pleito na região. Explicámos-lhes com palavras do próprio Pai Américo os nossos motivos, mas pareceu-

-nos que sem aceitação da parte deles.

Pois é a estes que esperamos chegue esta boa notícia: Os irmãos do Testador, cumpridas as partilhas, fizeram-nos entrega da «nossa parte», afinal o que ele nos dedicara. Um gesto legalmente não devido, mas

Cartas

«O GAIATO é leitura que cada vez me interessa mais. Só constato que dificuldades financeiras não me permitem um auxílio mais relevante à vossa Obra.

O trabalho infantil, que muitos consideram alvitrante, é por vós usado como meio de

conscientiosamente consumado, que nos deu jeito e ao qual não tínhamos qualquer óbice a pôr, porque «de mão viva». Um gesto que certamente restituirá a paz aos que naquele momento sofreram o alvoroço de uma «última vontade» não cumprida, porque de facto o foi. Um gesto duplamente belo e portador de alegria.

Padre Carlos

educação e merece a minha aprovação. Não é na rua, aos ponta-pés a uma bola ou a fazer tropelias de vária ordem que a criança aprende a ser homem!

Assinante 27735»

«Tenho imenso gosto em vos remeter um cheque para renovar a minha assinatura d'O GAIATO e o remanescente minorar as carências dos necessitados.

A vossa vasta e notável Obra é merecedora de todo o melhor acolhimento e Deus a cumule das melhores bênçãos, proporcionando plena saúde a todos

que nela se empenham e dão o maior esforço.

Assinante 24348»

«Junto uma modesta contribuição para a Obra de misericórdia e de fé em Jesus a que dedicaram as vossas vidas.

Que Deus vos continue a dar forças para espalharem a Sua Palavra e a concretizarem no Amor ao Próximo, é o que sempre peço.

Assinante 4150»

«Aprecio muito o vosso Jornal. Leio-o de fio a pavio com atenção. É como uma clareira de limpeza e inteligência no meio da sujidade e mediocridade que nos rodeia.

Aqui vai uma pedra para a construção.

Uma Leitora»

«Uma lembrança para ajudar a vossa Obra.

Tive um carro durante onze anos e nunca tive nenhum acidente, graças a Deus.

O «estorno» do seguro achei por bem enviá-lo para vós.

É uma forma de agradecer a Deus.

Assinante 12478»

Património dos Pobres

Continuação da página 1

O direito de esbanjar tempo, capacidades, dinheiro ou até a religião não cabe a ninguém. A Fé é o nosso guia. Por ela, sim, chegamos lá.

Comprometi-me com mais dois telhados.

Um, em Lousada. É uma heroína que embora doente e abandonada pelo marido conseguiu educar os três filhos. Os dois mais velhos já trabalham. Resolveu, agora, fazer a sua casa. A mãe deu-lhe terreno, os irmãos a mão d'obra e nós as telhas. O resto vem do trabalho dos dois filhos.

Outro, numa aldeia aqui perto. Seis filhos. Pai pedreiro. Herdaram uma casita muito velha onde nasce água na cozinha, pois está construída sobre uma elevação. É preciso alargá-la, drenar a água. Eles fazem o trabalho, nós daremos as telhas.

Padre Acílio

Benguela

Continuação da página 1

soas. Deus que resolva! Também não era este o caminho. Não foi e não será. Então? O problema da fome há-de ser resolvido com a participação activa dos próprios homens. Foi assim naquela hora: «Está aqui um rapazinho que tem cinco pães de cevada e dois pequenos peixes. Mas que é isto para tanta gente? Trazei-mos cá, respondeu Jesus». E o problema foi resolvido. E de que maneira.

Quando fizermos tudo o que pudermos; quando abirmos a nossa vida para que outros tenham vida; quando dermos o que podemos dar; quando os governantes amarem, de verdade, o seu povo; quando a riqueza da nação estiver ao serviço de todos os seus filhos; só então o problema da fome será resolvido. Posso muito? Posso pouco? Não importa. Dou o que tenho e posso.

Padre Manuel António

livraram do sol nas refeições referidas, cobrindo as mesas que há anos mandámos fazer para o efeito.

Como nestas coisas há sempre quem se esforce ou colabore mais, não queremos destacar quem quer que seja, mas agradecemos a todas as pessoas que nos ajudaram de várias maneiras, mais as mulheres na cozinha e na copa, onde tudo correu muito bem e ao Bandarra que nos ofereceu o feijão da sua produção, não esquecendo o nosso Padre João que nos colocou tudo à disposição, pois nestes dias a Casa é toda nossa.

A todos e todas, sem distinção, o nosso maior obrigado, apesar de termos trabalhado todos, para todos.

Aproveitamos para informar que este ano decidimos não nos deslocarmos à Senhora da Piedade, pois achámos que não se tem justificado essa reunião. Futuramente veremos outras opiniões.

Desejamos a todos e suas famílias as melhores férias, desde que possam e seja possível gozá-las com tranquilidade.

Manuel dos Santos Machado

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

ENCONTRO ANUAL — Decorreu em ambiente harmonioso e foi agradável. Não tão participado como em anos anteriores. Demos conta de muitas ausências, sobretudo daqueles que outrora foram os pioneiros.

A reunião da Assembleia Geral, momento importantíssimo do dia e para a qual chamámos em especial a atenção dos sócios, não teve a adesão que pretendíamos. Foi pena. O assunto a tratar era seriíssimo, todos o sabemos, o trabalho de preparação foi longo e penoso, a frustração pela fraca participação foi grande.

A Associação dos Antigos Gaiatos do Norte, como já acontece com outras Associações de Antigos Gaiatos, pretende ser activa, com elementos vivos e participantes dos actos que realiza. Elementos

que digam sim às responsabilidades associativas; não daqueles que se ficam por «águas de bacalhau» ou pelos comes e bebes. É exigência que cada sócio não seja um número; mas, pessoa em pleno gozo de direitos. Nunca fez mal a ninguém a multiplicidade de ideias, o pluralismo deve ser a base imanente. Não queremos nem vamos aceitar que o sócio seja apenas estatística. Não pode! Não deve! A Associação tem o direito à pretensão de estar para além disso. Enraizada no coração de cada um «deve ser vista como a menina dos seus olhos, devendo (todo o sócio) portar-se dentro dela de tal forma que a enalteça e dignifique a Casa a que pertenceu». «Cada sócio tem o dever de levantar e fazer valer as qualidades nobres da sua Associação, sendo guarda vigilante e responsável» (do Regulamento Interno).

Daqui se infere que ao pleno direito de se «pertencer», está subjectivo o exigir do «ser». E o «ser» só pode quando se quer. Não é imposto, dá-se liberdade de escolha.

Saibam os que não estiveram presentes que, por disposição

legal, a Associação terá que apresentar, no mínimo, cinco sócios fundadores; saibam também que achamos que deveriam ser os seus pioneiros a assumir a fundação. A Assembleia Geral deu-nos a oportunidade de lançarmos o convite a quem quiser fazer parte deste projecto e impôs-nos integrar o grupo — «para que nos prendamos a ela», foi dito.

O resto do dia cumpriu o estabelecido. Depositou-se uma coroa de flores na campa de Pai Américo. Seguiu-se a celebração da Eucaristia, momento que devia ser de exemplo e que não foi totalmente conseguido. Logo após e no mesmo recinto foi o almoço e, mais tarde, a merenda.

Tanto de manhã como de tarde, houve actividade desportiva, com equipas de futebol a cargo do Alberto («Resendes»), que orientou a dos iniciados da Casa, de manhã; e a dos antigos gaiatos, de tarde.

A piscina refrescou quem nela quis mergulhar. E houve música para animar a festa.

Antes de terminar, os agradecimentos: À Obra da Rua; ao nosso Padre Acílio, por tudo quanto pôs à nossa disposição;

DOCTRINA



Foi assim o nosso Natal

NO dia 24 acendeu-se o lume na lareira da cozinha do forno, uma grande labareda no meio de duas panelas das fundições de Crestuma. Os rapazes do campo foram buscar couve-tronchuda de «asa de cântaro» guardada, desde há muito, nas hortas, para a véspera de Natal. Os cozinheiros preparavam rimas de batatas e retiravam da última água, lombos de bacalhau. Os mais pequeninos estavam aninhados à roda do lume, a experimentar a paciência de todos quantos ali trabalhavam. Entretanto, vinham chegando os que laboram fora de portas. Os das obrigações de dentro davam os derradeiros toques. Os nossos animais domésticos estavam arrumados até ao dia seguinte. Graças ao ministro da Economia, havíamos dado muito de comer, naquela tarde, a muitos dos que precisamos. Os nossos pequenos deram. É necessário que eles assim façam para que a nossa Obra viva no sentimento do Povo e compre, por esse preço, a sua imortalidade.

A PROXIMA-SE a hora. «Mesa!», grita o «Mondim», um dos pequenos refeiteiros. As mesas estavam já ocupadas com setenta pratos feitos, a fumar. Fatias de pão de mistura especial que o Sérgio cozera ontem, guarneciam. Canecas de barro feitas em Coimbra, com legendas infantis, espumavam. O azeite delicioso fazia espelho no fundo dos pratos. Um altifalante que a Ideal Rádio, do Porto, nos viera colocar, dizia coisas.

A CABOU a Ceia. Demos graças. Arrumam-se as mesas do refeitório. Os cozinheiros e ajudantes despacham os seus trabalhos. Até às onze e meia houve dominó; houve o rapa com pinhões, os pinhões do «Zé sem mais nada». Houve os que escutavam o rádio, os que iam mirar o presépio, os que contavam histórias; e todos, conforme lhes dava na gana, fizeram a festa da Consoada.

VEM agora o dia de Natal. «Nasceu-vos hoje o Redentor!» O acontecimento do dia foi um bolo-rei monumental com setenta prendas dentro, que eram outros tantos emblemas de vários clubes de futebol. Mas aqui é que foi o bonito! Os rapazes têm todos a paixão do seu clube e queriam o emblema adequado, de onde surgiu um monumental berreiro que ficava mesmo a matar ao pé do monumental bolo — a prenda da Depósito! Foi necessário abrir três garrafas de vinho do Porto para afogar o bolo mal-la discussão, depois do que tudo entrou em perfeito sossego.

D. Amén. 5.1

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

ao grupo de carpinteiros que fizeram os «corredores» das mesas; aos cozinheiros, que leram a notícia n'O GAIATO, formaram equipa, contactaram-nos e confeccionaram o almoço; ao grupo de colaboradores que, no dia anterior, ajudaram a preparar os ingredientes da refeição; e àqueles que, no próprio dia, se disponibilizaram a servi-la, a arrumar as louças, a

preparar os assadores e a assar as sardinhas; à Padaria-Confeitaria Diplomata, pelos quarenta quilos de broa que nos ofereceu, através do nosso «Pica-pau». A todos muito obrigado!

Ainda um bem-haja à Associação dos Antigos Gaiatos de Setúbal, pela sua presença amiga, testemunho e dicas para o futuro.

Júlio Fernandes

ENCONTROS EM LISBOA

Cursos profissionais

POSSIVELMENTE o tema não é o mais aliciante para este tempo de férias, mas Setembro está à porta e o novo ano lectivo impõe-se-nos. Os meus rapazes, sobretudo os que se encontram no 6.º e 9.º anos, sabem que, por altura da Páscoa, lhes digo: em Julho quero saber o que vais fazer no dia 1 de Setembro. Temos que nos preparar com antecedência...

Nos últimos tempos tem sido tema nos jornais que o nosso País vai avançando com um enorme desequilíbrio entre ricos e pobres, parece até que, neste aspecto, ganhamos a toda a comunidade europeia. Parece igualmente que não procuramos caminhos para sair desta situação.

É com agrado que vejo instalarem-se algumas escolas com conhecimentos, exigências e condições para acolher alunos

que, no fim do 9.º ano, não desejam continuar no Ensino Secundário normal, preferindo cursos alternativos que acompanharão até ao 12.º ano e lhe darão um certificado de competência profissional, não impedindo a entrada em Institutos Superiores ou Universidades.

Gostaria de ver o mesmo processo instalar-se depois do 6.º ano. Acontece que aqui nos encontramos num buraco escuro, onde quase nada existe e o que existe deixa muito a desejar em termos de qualidade, exigência e condições. Parece que os mais pobres não merecem mais do que isto e estamos mesmo a falar dos mais pobres que não têm, nem capacidade reivindicativa, nem percepção do que lhes está a acontecer, nem de como tudo o que agora lhes acontece em termos de exclusão os vai marcar para toda a vida.

Todos sabemos, as escolas sabem, o Ministério sabe que existe uma percentagem, por vezes significativa, dependendo das periferias das escolas, de alunos que, depois do 2.º ciclo ou mesmo durante o 2.º ciclo, abandonam o circuito escolar ficando abandonados à sua sorte...

Em nossa Casa, como num pequeno laboratório de ensaio, acontece o mesmo. Há sempre um pequeno resto para quem não há saídas, nem escolares, nem mesmo profissionais, ou então cursos profissionais. Acontece que quase nada existe. Para os cursos profissionais a exigência é o 9.º ano, e os alternativos não existem porque a escolaridade de padrão único diz que é obrigatória até ao 9.º ano.

Dois exemplos: O J. e o A. O J. terminou o 6.º ano no ensino normal, tem 16 anos, gostaria de um curso alternativo com vertente profissional, sente que não é capaz de ir até ao 9.º ano no ensino normal. Já bateu a muitas portas. Nada existe. Terá que ir para o 7.º ano contrariado e à espera, mais uma vez, do insucesso que já muitas vezes lhe roeu o ânimo. O A. também tem o 6.º

ano feito pela via do Ensino Recorrente, dado que não teve outras alternativas. Sente que ingressar no 7.º ano normal está completamente fora de questão. Também gostaria de uma alternativa que não existe, mas que os seus quase 17 anos reclamam. Estes são dois casos que tenho em Casa, neste pequeno mundo. Se olharmos à nossa volta muito mais casos haverá que precisariam de uma séria reflexão para que o fosso entre o mundo dos pobres e dos ricos não aumentasse.

Às vezes vem-me ao pensamento uma ideia perversa: Será que queremos fazer pobres para depois virmos, de forma completamente inglória, distribuir benesses ou esmolas?... O homem, não ganhando o pão-nosso de cada dia com o suor do seu rosto, fica irremediavelmente ferido na sua dignidade de pessoa.

Desejo que o senhor Ministro da Educação ou quem decide por ele se dê ao trabalho de um estudo cuidado sobre a continuação dos estudos a partir do 6.º ano para aqueles jovens que não encaixam no figurino único.

Padre Manuel Cristóvão

TRIBUNA DE COIMBRA

Acções para estímulo dos rapazes

OS mais pequeninos já se encontram na praia de Mira. D. Nazaré é a mãe que os acompanha, fazendo das suas férias uma mudança de ares, pois que continua ali mesmo a preparar as «papiuhas» dos mais pequeninos. M. António, que já acabou os exames do 12.º ano e continua a aguardar os resultados, é o chefe-irmão mais velho deste turno, coadjuvado pelo Manelzito, ainda em convalescência, e por outros mais novos que, atentos, dão o seu melhor.

Ontem fui lá levar, ao fim do dia, a Susana e o Carlos. Depois virá ainda outra Susana e o Pedro. Jovens inquietos que querem dar um sentido à sua vida fugindo das propostas medíocres em que tantos neste tempo se atolam.

O Adriano e o «Vitinha» andam por França integrados num grupo de intercâmbio cultural. Uma oferta da Câmara Municipal de Miranda do Corvo aos, assim chamados, «melhores» na Escola e na Casa.

Em Avô, Arganil, um outro grupo de mais velhos está a participar num campo de trabalho organizado pela Cáritas de Coimbra. Mais tarde seguirá outro aos Campos de Férias organizados pelo SDPJ da Diocese de Portalegre-Castelo Branco. E, claro, um outro em Miranda do Corvo assegura as regas do milho, da horta, o tratamento do gado, a vida da Casa até partirem para a praia. No Lar de Coimbra estão ainda os da Formação Profissional que terminam as aulas em finais de Julho. E, enquanto não chega a minha hora de ir contemplar um pôr do sol em qualquer lado onde haja horizonte, tenho acompanhado o Marco Paulo que hoje começou o seu programa de reabilitação física que, assim o esperamos, lhe volte a dar a saúde perdida.

Esperamos que todas estas acções ajudem os rapazes a encontrarem estímulos e força para vencerem as dificuldades que se lhes apresentam na vida.

Padre João

PENSAMENTO

A oportunidade da esmola eleva o seu valor.

PAI AMÉRICO

SETÚBAL

O tempo de repouso seria vazio...

AINDA há pouco tempo escutávamos, no Evangelho Dominical, Jesus a convidar os discípulos a se retirarem para um lugar isolado para descansarem um pouco. Resolvi seguir o conselho.

O tempo de repouso seria um tempo vazio, caso a Palavra não continuasse a manifestar-Se. Ela é como a luz que brilha em lugar escuro e que põe às claras aquilo que a escuridão quer assumir para si.

O Evangelho em que nos é recordado o poder de Jesus Cristo em multiplicar o pão, deixa-nos também um conselho: Que nada se perca do que sobra depois que todos se saciaram.

Para além do acto milagroso que o Senhor realiza, está o próprio pão, que é um milagre da criação de Deus.

Numa visão mercantilista, atribuir este feito ao homem, seria desvirtuar

totalmente a origem das coisas. O homem como ser inteligente, manipula e transforma aquilo que Deus criou. O trabalho humano é um complemento e uma necessidade habitualmente querida por Deus, exceptuando casos extraordinários como o milagre da multiplicação dos pães.

O homem precisa de olhar de novo para a origem dos bens que as suas mãos trabalham. Assim encontrará razões para melhor valorizar esses dons e reverenciar Aquele que lhes facultou.

Em oposto à soberba e consumismo desenfreados, o convite do Evangelho à fraternidade, alarga hoje os nossos horizontes a todos os lugares onde vivem seres humanos. Foi de longe que tantas vezes vieram as riquezas com que se dão as grandes e ricas festas; longe ficaram também tantos

Lázarus, à espera das migalhas que caem da mesa dos senhores.

Estabelecer a Justiça, é uma tarefa sempre inacabada. No entanto, com simplicidade, é-nos indicado o modo fundamental para a construir: Depois de saciados, ninguém perca nada das sobras que restarem!

Esta atitude, quando brota do coração, eleva a humanidade porque faz fraternidade. Não é o igualitarismo cego que a há-de construir, nem o egoísmo por razões óbvias.

Indo um pouco mais além; há um Pão que é igual para todos, embora nem todos O apreciem de igual maneira. Já não é aquele pão multiplicado, dado a alguns, mas o Pão descido do Céu, Pão para todos, que vem estabelecer a Justiça.

Quanto caminho a fazer...

Padre Júlio

Cantinho dos rapazes

VIERAM de várias gerações no encontro de antigos gaiatos: Abraços e um avivar de recordações: Atiçar o fogo do espírito de família — que tantas ventanias ameaçam; tomar consciência de (dos, para e pelos rapazes). «Que cada um abrace o seu cajado de pastor na condução de todos para a vida» como referiu o Padre Acílio na homília.

Vieram muitos, mas faltaram muitos.

Não estiveram todos na deposição de uma coroa de flores no túmulo de Pai Américo... Carlos Gonçalves, em nome dos presentes e ausentes, juntou às flores algumas lágrimas de gratidão a Pai Américo.

Também uma grande parte não esteve com o Senhor na nossa Eucaristia... Como — se foi Ele que nos acolheu neste altar de família?

Somos abanados por uma sociedade onde o materialismo e inversão de valores valem e dominam...

Para além dum matar de saudades — façamos do nosso Encontro uma fonte de alegria e um retorno ao caminho do nosso verdadeiro rumo.

Na explosão dos encontros — face a face — recordando momentos de vida, saltou à vista a vivência do espírito de família.

Vivência vinda de longe — como rio que nasceu na encosta, venceu obstáculos, até ficar remanso de margens verdes — a família que constituístes, os vossos filhos.

Tenho, ao longo dos anos, apreciado com alegria o vosso grande amor e ternura pelos filhos — como que a apagar tantas faltas de ternura no descer da encosta. Mas, seria possível chegar ao remanso sem a nascente e encosta que foi, para cada um, a Obra da Rua — vossa primeira família?

Creio que não. Sinto-o nos vossos apertados abraços, nas gargalhadas ao recordar e nas sardinhas assadas que comemos juntos.

Também motivo e razão da vossa felicidade, vencendo as marés da vida.

Padre Telmo